

MAPAS PARA USO INDIVIDUAL

O trabalho de Rosário Rebello de Andrade segue um persistente plano. Concebido como uma longa viagem, cada etapa (cada projecto, de lenta maturação; cada exposição, rigorosamente pensada) se encadeia na anterior como os dias e as noites se sucedem. As imagens que daí resultam podem, por isso, ser tidas como verdadeiras páginas de um diário. Porém, dominando os perigos do delírio, da deriva ou do acaso, essas páginas são narrativas preciosamente planeadas e construídas — na realidade, falsos diários, verdadeiras reflexões sobre os dias tal como eles deveriam ser ou ter sido. Rosário Rebello de Andrade transforma experiências interiores em elementos de uma viagem ideal; as suas obras são oferecidas ao nosso entendimento como guias, como mapas de orientação que podemos usar individualmente. Com eles, a artista constitui um *corpus* de imagens que funcionam também como ilustrações de um livro: constelações leves, rotas elegantemente traçadas, fronteiras de territórios também imaginados; a artista pontua esses papéis com sinais de luz e de escuro, usa tracejados de orientação misteriosa, risca linhas de partilha, linhas de união, linhas de convergência e divergência, tece sobre eles redes de comunicação e de captura. Tais sinais gráficos sobrepõem-se ou coincidem com elementos de um paisagismo igualmente abstracto (de águas, céus e terras); sugerindo atmosferas húmidas, explosões paralisadas, imóveis ondas de espuma, duros planos de terreno ou imaculados mantos de neve. Rosário Rebello de Andrade usa ainda um outro conjunto de sinais (por vezes em *trompe l'oeil*, por vezes em silhueta, outras ainda tridimensionalmente realizados) que, pela repetição no tempo da sua carreira, nos surgem como marca (quase heráldica) da sua presença artística e assinatura: o selo, onde reproduz a marca da sua própria mão, a rosa e o ramo debruado de espinhos, como testemunhos das duas faces do mundo botânico, um veado, para testemunhar a liberdade acossada do mundo animal, os braços desarticulados de uma cruz grega, vestígio desconstruído de uma sacralidade perdida e procurada; finalmente, o coração, vestígio essencial de vida e humanidade, que a convenção da cor com que é desenhado, acentua, acompanha-a sempre nessa viagem. Numa mala que, juntamente com as suas obras em papel (a que aqui chamamos mapas), completa os instrumentos da sua identificação autoral, ela guarda, entre outros, os tais exemplos tridimensionais daqueles elementos (objectos naturais e ou reproduzidos em barro) como quem guarda recordações de uma viagem (viagem de vida — vivida, desejada, imaginada), como quem gere as relíquias de um santo. A palavra escrita, pelo carácter de realidade registada num suporte fixo, faz também parte integrante da sua identidade autoral.

O projecto de auto-conhecimento e revelação de Rosário Rebello de Andrade cumpre-se, etapa a etapa, procurando sempre libertar-se da ameaça de uma mera disciplina programática — consegue isso ao desencadear processos narrativos e ficcionais que nos são oferecidos como exercícios de liberdade; pois, o que nela se repete e parece fixo, é, afinal, movente nas suas formas e nos seus significados. Os seus mapas não nos preservam portanto, das tempestades da alma nem das angústias de ser; por vezes, conduzem-nos mesmo directamente ao vórtice da dúvida antes de nos abrirem a possibilidade de alguma pacificação. Toda a subtilidade de tonalidades e transparências, de linhas e pequenas colagens, de manchas e derrames, jogos entre fundos e linhas e delicados jogos de textura, pontos de cintilações e obscurecimentos aumentam os desequilíbrios desses sentidos ao mesmo tempo que os desmultiplicam, os libertam e os enriquecem.

Podemos dizer, criando um oxímoro, que Rosário Rebello de Andrade trabalhou esta nova etapa à luz da cegueira. A artista convocou o mundo (chamou várias vozes) para este seu projecto: parte de um texto de Daniel Faria, de textos próprios e de textos pedidos a um largo conjunto de amigos e conhecidos. E as

perguntas sucedem-se: o que vemos (ainda) quando cegamos? O que podemos (ainda) dar a ver aos outros? Como vêm (ainda) os que não vêm? O que podem não ver (ainda) mesmo aqueles que continuam a beneficiar da frágil «luz do pirilampo»?

O mais famoso cego da história ocidental foi o que mais nos deu a ver: expôs, para sempre, a complexa realidade dos humanos no que ela tem de mais terrível e desgostante como no que ela tem mais belo e glorioso; teceu e desfiou (não por astúcia como Penélope, mas para que aprendêssemos como são feitas) as teias das nossas relações individuais e políticas, das nossas relações com a natureza e com o divino. E também listou lugares, nomes de homens e de povos, nomes das coisas que eles usavam no seu quotidiano ou na simbologia das suas cerimónias, nomes dos animais e dos monstros que os serviam ou assombravam, nomes dos deuses que os dirigiam, castigavam ou favoreciam. E também traçou mapas dos mares, das terras e das estrelas.

Apostado em contar a história de uma longa e impiedosa guerra, onde todos os excessos de honra e miséria foram cometidos, compensados e castigados, Homero narrou depois as demoradas provações e a redenção de um herói (guerreiro, viajante, aventureiro), obstinado na busca do seu porto de paz. O homem do pequeno poema de Daniel Faria, inspirador de Rosário Rebello de Andrade, ficou cego depois da morte do pirilampo que lhe dava luz e desiste de encontrar o caminho de casa, esperando apenas a Mãe; Ulisses procurou o que lhe equivale, o Lar; mas é ele que cega um Outro (o Ciclope), é ele que nunca desiste e assim vence, pela força e manha, todos os nevoeiros e negrumes, todos os monstros e magias.

Rosário Rebello de Andrade dá um passo mais na colecção de percursos iniciáticos de que se faz a história da humanidade. Embora nesta exposição tenha reunido diferentes contributos (as referidas cartas de amigos que generosamente compara a pirilampas iluminando a escuridão) o seu trilho é individual: o(s) mapa(s), quem quiser que o(s) siga em liberdade. Essa solidão muito a afasta da epopeia e mais a aproxima de uma via lírica e de ascese. Não há, evidentemente, linearidade nos passos que nos propõe — cada desenho reenvia para todos os outros e o que referimos como ideia de livro (embora haja realmente um livro no conjunto das obras apresentadas) mais se assemelha à ideia de um *dossier* de folhas soltas cuja organização dependerá do espírito de cada momento, do espírito de cada um dos que as vê, bem como do espírito e constrangimentos de cada lugar de exposição deste conjunto de obras. Para mais a artista oblitera, por rasura, sobreposição ou miniaturização, parte das frases escritas (mesmo as que são escritas em *braille* — de modo a cegar os cegos no seu privilegiado recurso de compreensão do mundo).

Na pequena pintura do Veado a artista confronta-nos com um animal de grande carga simbólica, força pura da Natureza ultrajada e prisioneira — ele apenas se nos revela se espreitarmos uma caixa de luz e surgenos de dorso, olhando o horizonte nevado (cego também, portanto, ele e nós, embora cegos pelo branco) como o peregrino de Caspar David Friedrich olha o mar cinzento das nuvens a seus pés. Finalmente, Rosário Rebello de Andrade concebeu um traje específico para esta exposição — esta «Pele» (título da peça), exibindo, como ex-votos ou tatuagens vibratórias ou múltiplos espanta-espíritos, frases truncadas e palavras soltas (recolhidas das tais cartas recebidas) é, verdadeiramente, um largo manto cerimonial e explicita o valor de religação que emana de todo o seu trabalho.

Paris, 8 de Agosto de 2018

João Pinharanda